



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

“Aqui nos Açores” e “Lá em Portugal”

Por estes dias alguns jornais nacionais publicaram notícias a sublinhar que Inglaterra dava luz verde para viagens aos Açores e à Madeira mas não o fazia o mesmo no que toca a Portugal. Alguns açorianos mostraram-se ofendidos com esse, chamemo-lhe assim, distanciamento social entre “os Açores” e “Portugal”. Outros revelaram contentamento, felicidade, júbilo. Digo da minha posição.

Pude referi-lo num brevíssimo aparte incluído num *sketch* do programa “Mal-Amanhados – Os Novos Corsários das Ilhas”. Apesar de compreender o melindre relativo à ignorância, não me perturba essa diferenciação que muitos de fora fazem na linguagem entre os Açores e Portugal continental. Todos já ouvimos muitas vezes a frase, dita por continentais em visita ao arquipélago: “Lá em Portugal é assim”. Ou: “Lá em Portugal não é assim”. Ninguém o faz por mal, por querer realizar apartamentos. Nem por considerar, de forma mais ou menos elaborada, que o regime autonómico, conquistado ao fim de várias lutas, tem como consequência uma separação dos Açores de Portugal. Ou por querer ofender ou desconsiderar. Fá-lo por uma circunstância que, começando por ser física, vai para além disso.

Refiro uma evidência demasiado esquecida: os Açores e Portugal continental não coabitam. Não dá para tocar à porta do vizinho a pedir um pé de sala. Não são o mesmo chão geográfico e paisagístico. E o arquipélago açoriano traz especificidades no modo de ser, muito diverso, sim, de ilha para ilha - daqui a uns textos dedicar-me-ei ao assunto. São muito distintos os espaços. E isso cria a ideia e, mais do que isso, um sentimento muito forte, reflectidos na linguagem de quem nos visita: o de que os Açores e o continente são de “naturezas” diferentes. E, não tenhamos medo de o assumir, faz com que muitos continentais venham, consciente ou inconscientemente, aos Açores como quem vem a um lugar estrangeiro. Ninguém o faz por mal também. Faz porque o sente desta forma. Porque durante muito tempo estivemos muito longe. E porque, estando agora mais perto, quem cá vem sente este chão como sendo exclusivo. Porque é tão distinto e distante que parece de outro planeta. Pode dizer-se:

“Ah, isso também acontece, por exemplo, a quem, sendo do sul, visita a uma vila minhota”. Não me detenho já na sempre decisiva circunstância de se estar rodeado de mar por todos os lados. Fico-me por um elemento que, corriqueiro na aparência, tem importância. A verdade é que ninguém - ou só pouca gente - vai para o Minho de avião em viagens que muitas vezes exigem um *brevelet* de coragem estóica. E ir de avião, para umas ilhas no coração agreste do Atlântico, já faz criar a emoção de que se vai para outro sítio que não o seu.

Viajei até São Miguel e encontrei, no arquivo familiar, algumas cartas de Dias de Melo, o autor de “Pedras Negras” e de “Mar Pela Proa”. E de, entre muitos outros livros em géneros vários, “Reviver: Na Festa da Vida a Festa da Morte”, “Uma Estrela nas Mãos do Homem” e “Na Memória das Gentes”, valiosa obra de recolha de testemunhos de (sobretudo) gentes do mar. “Mais do que eu, os verdadeiros autores deste livro são eles, esses homens e mulheres do Povo da minha Ilha”, fez questão de registar um autor que, pela verdade (esculpida) da sua escrita, merece todas as revisitações.

Uma das cartas, datada de 4 de Maio de 1999, começa assim: “Estou a dois dias de ir para o Pico. Parto na quinta, dia 6, para regressar nos fins de Setembro, começo de Outubro. A minha direcção lá é: Alto da Rocha do Canto da Baía/ 9930 Calheta de Nesquim”. Conta-me depois, nos parágrafos seguintes, que acabara de dactilografar o seu novo livro, ao qual dera o título provisório de “Vidas Obscuretas”. “No Pico farei mais uma ou duas revisões”, acrescenta.

Quando recebi essa carta ainda não tinha visitado o Pico. Lembrou-me da primeira vez que lá fui, poucos anos depois. E das impressões dessa viagem. Do que anotei na altura. Revisito a crónica de uma excursão doce e bem-aventurada. Do Pico dessa jornada podia lembrar as adegas onde ficámos alojados no início. Podia recordar a alegria do primeiro banho nas águas limpas do porto da Prainha. Podia elogiar a sobriedade e o cuidado do Museu dos Baleeiros, nas Lajes, e registar os nomes de alguns homens que estiveram ligados à caça à baleia e que

ali são homenageados, como Manuel Joaquim Machado (mestre de lancha), José Pimentel de Melo (baleeiro) e Gusmercindo Machado Medina (trancador). Hoje são celebrados por muitos visitantes e, soube-o em visita mais recente, demonizados por outros que, imagine-se a insânia, mostram horror por se fixar ali a memória de uns homens capazes de capturar cetáceos (sim, ao que chegámos).

Podia, em alternativa, transmitir a sensação de ver um grande cachalote nas escarpas das ondas, lançando a sua respiração para uma lancha de borracha, ou então trazer para esta crónica do Corpo Santo algumas das cracas e dos cavacos que tivemos a sorte de ter à frente e voltar a comprar umas rifas numa pequena loja armada por alturas das Festas de São Roque. Podia escrever sobre tudo isso e até sobre a simpatia do João e da Monique, os anfitriões do “L’Escale de L’Atlantique”, mas prefiro recordar um passeio até à casa desse mesmo Dias de Melo, nascido a 8 de Abril de 1925 e que morreu em 24 de Setembro de 2008, com quem me reencontro nestes primeiros dias de Julho de 2010 em cartas enviadas da sua casa na Rua de São Gonçalo, em Ponta Delgada, para uma casa na Rua José Estevão, em Lisboa. Amigo e mestre - e “escritor baleeiro”, para usar a expressão da placa de uma rua do Pico. E escritor *tout court*, de arção literário capaz de trazer à página as correntes contrárias que definem a condição humana.

Saímos a pé do Calhau e parámos para o almoço na Piedade, num restaurante chamado “Sonhos Bar” que, talvez por isso mesmo, tinha colado no vidro um anúncio que prometia a “Cabo TV através de um Serviço Digital por Satélite”. Descemos depois até à Calheta de Nesquim por estreitos caminhos ladeados por antigas habitações de pedra e por algumas casas novas com famílias a viver lá dentro, mas ainda por pintar. Por cima de nós, um tecto de nuvens cinzentas era empurrado pelo vento da ponta Este da ilha.

Em casa de Dias de Melo, erguemos para um brinde os nossos copos de angelica caseira e, sobre o mar, no “Alto da Rocha do Canto da Baía”, ouvimos algumas antigas histórias da Calheta, alumadas por azeite de baleia.

Moradores do Paim criam projecto “Porta do Lado” – Bairro Digital



Ponta Delgada numa verdadeira comunidade”. Em comunicado, os promotores da iniciativa explicam que “o projecto parte de uma lógica de comunidade/vizinhança para se materializar num conceito de bairro interligado, que pretende ser um pólo geracional, onde o principal objectivo é o de promover a proximidade e o diálogo entre as pessoas”.

A ideia passa “por utilizar a internet para colocar em rede os moradores do Paim, a fim de que possam conhecer-se através dos seus perfis digitais e depois reconhecer-se na vida real, criando uma comunidade viva, dinâmica e da qual possam orgulhar-se”.

Alguns moradores da zona do Paim, em Ponta Delgada, com o apoio da Junta de Freguesia de São José, vão levar a cabo um projecto que pretende “transformar esta importante zona habitacional de

Neste sentido, foi criado, no Facebook um grupo intitulado: “Paim, Porta do Lado”, estando a ser executado um jornal digital intitulado: “A Nova Persuasão”, em homenagem ao fundador e Director do jornal do século XIX “A Persuasão”, Francisco Maria Supico, que dá o nome a uma das ruas do Paim.

No âmbito do Bairro Digital do Paim estão já previstas algumas iniciativas, como é o caso de um concurso literário e um concurso de desenho e pintura. Está também previsto o embelezamento dos espaços verdes existentes, criando-se para o efeito uma comissão de moradores que possa ajudar na plantação,

manutenção e preservação dos mesmos. Esta acção conta com o apoio da Junta de freguesia de S. José.

Por iniciativa da Junta de Freguesia de São José, e a assinalar a constituição deste bairro digital, terá lugar no mês de Agosto, em data a anunciar, um concerto musical na Praça da Autonomia Constitucional, que poderá ser assistido a partir das varandas dos moradores, reservando-se o espaço existente para aqueles que não for o caso e os lugares de estacionamento para as pessoas que constituindo grupo de risco possam dele desfrutar em segurança, dentro das viaturas.